

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

Wesley de Souza Arcassa

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
(IBGE)

Fundação Educacional de Penápolis (FUNPEP)
Penápolis – SP

RESUMO: A moderna concepção de Geografia tem sua base em estudos desenvolvidos por Immanuel Kant no século XVIII, os quais foram posteriormente aprofundados por outros geógrafos. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX, há um resgate e uma melhor difusão das ideias de Kant por meio do movimento que ficou conhecido como neokantismo, este teve em Alfred Hettner uma das figuras de maior destaque. A partir da segunda metade da década de 1920, emerge no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne, responsável pela difusão e análise dos conceitos kantianos e hettnerianos a nível internacional. Tendo como base esta ideia, o texto em questão tem como objetivo desenvolver uma apreciação de um momento singular na história da Geografia, o qual é representado pela conexão Kant-Hettner-Hartshorne, além de evidenciar os avanços prestados por esses pensadores ao campo de estudo da ciência geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Immanuel Kant; Alfred Hettner; Richard Hartshorne; História do

Pensamento Geográfico.

ABSTRACT: The modern conception of Geography is based in studies developed by Immanuel Kant in the eighteenth century, which were subsequently deepened by other geographers. However, in the late nineteenth century and early twentieth century, there is a rescue and a better diffusion of the ideas of Kant through what became known as Neo-Kantianism, this had in Alfred Hettner one of the most prominent figures. From the second half of the 1920s, emerged in the North American academia the geographer Richard Hartshorne, responsible for dissemination and analysis of Kant's and Hettner's concepts internationally. Based on this idea, the paper in question objective develop an appreciation of a singular moment in the history of Geography, which is represented by the Kant-Hettner-Hartshorne connection, beyond evidence the advances made by these thinkers to the field of study of geographic science.

KEYWORDS: Immanuel Kant; Alfred Hettner; Richard Hartshorne; History of Geographical Thought.

1 | INTRODUÇÃO

A moderna concepção de Geografia tem sua base em estudos desenvolvidos por

Immanuel Kant no século XVIII, os quais foram posteriormente aprofundados pelos geógrafos. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX há um resgate, além de uma melhor difusão das ideias de Kant, por meio do movimento que ficou conhecido como neokantismo, o qual teve em Alfred Hettner uma de suas figuras de maior destaque.

A partir da segunda metade da década de 1920, emergiu no meio acadêmico norte-americano o geógrafo Richard Hartshorne (1899-1992), responsável pela difusão e análise dos conceitos kantianos e hettnerianos em nível internacional. Sua obra teve grande impacto na Geografia, pois foi capaz de realizar o que até então não havia sido produzido nessa ciência, estudos de cunho epistemológico e metodológico, além de sistematizar significativa parcela das teorias produzidas pelos autores “clássicos” desse ramo do saber científico.

Sob a influência direta do pensamento de Kant e Hettner, Hartshorne desenvolveu seus estudos, os quais tiveram grande impacto sobre a Geografia produzida em âmbito internacional, durante grande parte do século XX. Além, de realizar a difusão do neokantismo às correntes posteriores da história do pensamento geográfico. Tendo como base esta ideia, o texto em questão tem como objetivo desenvolver uma apreciação de um momento singular na história da Geografia, o qual é representado pela conexão Kant-Hettner-Hartshorne, além de evidenciar os avanços prestados por esses pensadores ao campo de estudo da ciência geográfica.

2 | METODOLOGIA

Como princípio metodológico norteador para a elaboração do presente trabalho utilizou-se, principalmente, o levantamento de bibliografias concernentes à temática, oriundas de diferentes fontes e suportes. Isso porque, o trabalho realiza uma análise essencialmente teórica do assunto nele abordado.

Em contrapartida ao estudo dos principais aspectos da conexão Kant-Hettner-Hartshorne, faz-se necessário também compreender o período histórico no qual se inserem os autores, o que denota a utilização de um arcabouço metodológico advindo da História da Ciência.

Os produtos finais obtidos no estudo objetivam servir de respaldo para a execução de análises e estudos futuros em relação às temáticas: Immanuel Kant; Alfred Hettner; Richard Hartshorne; História do Pensamento Geográfico; e, Escola Norte-Americana de Geografia.

3 | A HISTÓRIA DA CIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para compreensão do lugar ocupado por Immanuel Kant, Alfred Hettner e Richard Hartshorne na matriz histórica da Geografia optou-se pelo uso da História da Ciência.

Esta não é um conjunto de biografias de grandes personagens. Também não é um conjunto de relatos cronologicamente organizados sobre descobertas marcantes. Um historiador da Ciência não costuma escrever trabalhos do tipo “os grandes gênios da humanidade”. Isso porque, seu objetivo não é mostrar determinadas pessoas como “heróis” que tornaram a Ciência o que ela é hoje, em contraposição a “vilões” que atrasaram a evolução dessa Ciência.

A História da Ciência estuda o processo de construção do conhecimento, mas isso não quer dizer que os pesquisadores dessa área analisam o passado e procuram as origens do que deu certo, separando a história do conhecimento genuíno daquilo que foi rejeitado. Considerar a Ciência somente a partir dessa premissa seria incorrer em um anacronismo, ou seja, focar o passado pensando apenas no que hoje é aceito.

Nesse sentido, pode-se dizer que a História da Ciência tem como objeto de estudo não apenas o que hoje é aceito como Ciência, mas sim, o que em alguma época e de algum modo foi proposto ou aceito como Ciência. Dessa forma, é possível estabelecer que a História da Ciência seja uma disciplina profissional e rigorosa, a qual reclama o mesmo nível de exigência e conhecimento que qualquer outra área de estudo.

Na concepção de Kragh (2003, p. 35):

[...] a única forma de alcançar um entendimento verdadeiro da dinâmica atual da ciência moderna é através da análise histórica, uma análise que não será histórica apenas no sentido de considerar a ciência na sua dimensão temporal, mas também no sentido de usar as técnicas e os métodos que caracterizam a investigação histórica.

De acordo com Ferreira e Martins (2009, p. 14), embora não haja uma “receita infalível” para um bom trabalho em História da Ciência, alguns pontos podem ser destacados a esse respeito. O historiador da Ciência escolhe temas restritos e os trata de forma aprofundada. Na realidade, essa é uma exigência fundamental na pesquisa acadêmica, não somente em História da Ciência.

Portanto, pode-se inferir que não é possível empreender uma pesquisa sobre História da Geografia de modo geral. É necessário escolher uma questão que será tratada, alguma controvérsia que pode ser estudada, algum aspecto do trabalho de determinado autor etc. Assim, como recorte temático do presente estudo optou-se por desenvolver uma análise sobre um momento singular na história da Geografia, o qual é representado pela conexão Kant-Hettner-Hartshorne.

O trabalho em questão justifica-se pelo fato de que a produção desses teóricos em partes, ainda, demanda um maior estudo e interpretação, principalmente no que concerne ao impacto causado à Geografia. Outro elemento que demonstra a importância da temática abordada consiste no fato de que sua área de concentração — História do Pensamento Geográfico — carece de trabalhos que envolvam os aspectos teóricos dos autores tidos como “clássicos”, sendo este campo de estudo da ciência geográfica, por vezes, relegado pela maior parte dos membros da comunidade

científica.

4 | OS DESDOBRAMENTOS DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE

A Geografia moderna nasce como um projeto da revolução burguesa. E como um fenômeno alemão, em que a revolução burguesa mais se atrasa. Hartshorne informa que, no formato de base com que se conhece, nasce por meio dos estudos de Immanuel Kant (1724-1804). Este não era um geógrafo de formação, mas um filósofo do iluminismo. Preocupava-o como filósofo o estado de defasagem em que a Filosofia se encontrava em relação ao avanço da ciência no século XVIII (MOREIRA, 2008).

As condições nas quais se exerce a atividade dos geógrafos modificaram-se tão profundamente ao longo do século XVIII que a disciplina atravessou uma crise de identidade. A sua institucionalização iniciou-se com dificuldade; relacionou-se com a vertente cartográfica da profissão; mas os que as seguem estão divididos entre o trabalho de pesquisa documental, até então indispensável à sua profissão, e o trabalho de campo, cujos resultados são doravante melhores.

A perspectiva naturalista permite descobrir verdadeiramente a diversidade de fisionomias da Terra e das paisagens que o Homem organizou. Convida a relacionar uma série de fatos que não aparecem espontaneamente associados, mas são concomitantes quando cartografados em pequena escala. Assim, apela à transformação da disciplina em ciência explicativa. (CLAVAL, 2006, p. 54).

A Geografia ficou fragilizada com tantas perspectivas sem dispor de meios para hierarquizá-las. É o que confere às reflexões geográficas de Kant o seu significado. Ensinou Geografia Física na Universidade de Königsberg, de 1756 a 1796, onde teve a oportunidade de ministrar mais de cinquenta cursos sobre o tema. Seu interesse na Geografia Física não se baseava em experiências reais sobre a variabilidade da natureza nas diferentes partes da Terra, sendo despertada pela pesquisa filosófica de todo o ramo do conhecimento empírico.

Por esta razão, a contribuição de Kant era mais filosófica, uma vez que consistia na definição da natureza da geografia e sua relação com as ciências naturais. A dita definição, feita na Introdução de suas aulas, descreveu tão cabalmente o âmbito da geografia, que influenciou direta ou indiretamente nas subsequentes discussões sobre a metodologia. Pode-se ir ainda mais longe e afirmar que a desordem sobre a finalidade e o conteúdo da geografia apenas existiu quando a análise de Kant era ignorada. (TATHAM, 1959, p. 205).

Para Claval (2006), Kant parte da ideia de que o conhecimento se baseia na percepção que temos dos fenômenos. A ciência visa estabelecer uma classificação temática para eles; estabelece as leis às quais estão submetidos e testa as hipóteses que podem justificá-los. Mas os fenômenos nos são dados sob a forma de sequências temporais e justaposições espaciais: o tempo e o espaço são para Kant estruturas fundamentais do nosso entendimento.

Kant é assim levado a atribuir à História e à Geografia finalidades diferentes das outras disciplinas: o seu papel é o de perceber as estruturas temporais e espaciais que a nossa experiência revela. A Geografia tem como principal missão compreender a diferenciação regional da Terra. Porém, isto não a reduz à descrição. [...] Para ele, a Geografia deve explicar a especificidade de cada parte da Terra e a recorrência de certos temas. (CLAVAL, 2006, p. 55).

Na concepção de Kant, a Geografia é um conhecimento empírico, na medida em que, como ciência, deriva das experiências do homem. Mas é mais do que conhecimento comum, porque sistematiza e classifica os fatos e, além disso, está circunscrita à superfície da Terra.

A seguir põe-se o outro problema: se a Geografia é uma ciência empírica, em que medida a difere de outras ciências empíricas, como a História e a Física? Kant encontra resposta em relação à Física, na medida em que esta ciência possui um vasto corpo teórico, com princípios e leis, muitas vezes expressos matematicamente. Mas em relação à História é mais difícil fazer a distinção. E, assim, Geografia e História acabam por se distinguir porque, segundo Kant, a Geografia descreve a natureza no presente e no espaço, enquanto a História descreve a evolução do homem ao longo do tempo — enquanto a Geografia tem uma dimensão espacial, a História tem uma dimensão temporal. (FERREIRA e SIMÕES, 1992, p. 58-59).

Cabe ressaltar que na sua teoria da organização do conhecimento, Kant considera, portanto, as disciplinas organizadas em três conjuntos: *Ciências Sistemáticas*, que estudam as categorias dos fenômenos (Botânica, Geologia, Sociologia); *Ciências Históricas*, que estudam as relações entre os fenômenos no tempo; e *Ciências Geográficas*, que estudam os fatos nas suas relações espaciais. Dessa maneira, os fatos da Geografia e da História são *a posteriori* e empíricos, derivados do sentido da percepção e da experiência, enquanto que os fatos das ciências sistemáticas são *a priori* e racionais.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a preocupação de Kant com a Geografia surge de sua inquietação em entender a Terra como morada do homem e de refletir sobre a relação entre o homem e a natureza. Em 1757, escreveu uma breve obra intitulada *Outline e Prospectus for a course of Lectures in Physical Geography*, mas somente em 1802 foi publicada a edição oficial de suas ideias sob o título de *Physische Geographie* (Geografia Física).

Em seu resumo de 1757, Kant sustentava que havia três formas de contemplar a Terra: uma matemática interessada por sua forma, a doutrina política que se ocupava da população e dos tipos de governo, e a geografia física que considerava as condições naturais da Terra e o que está contido nelas. Como já ocorrera com Varenus, esta classificação causou problemas relacionados com o modo como se deveria tratar o aspecto humano, pois Kant o incluía tanto na geografia física como na doutrina política. Mais adiante, na introdução da *Physische Geographie*, tentou resolver esta dificuldade dizendo que a geografia física estudava o mundo tal como o percebiam os sentidos externos, por oposição à antropologia, que se ocupava da experiência consciente que os sentidos internos proporcionavam. Outra distinção entre opiniões precoces e as tardias de Kant acerca da geografia se referem ao modo em que contemplava sua relação com a história. No resumo de 1757, Kant parecia considerar a geografia como parte da história, mas com a publicação da *Physische Geographie* havia afinado esta opinião até afirmar que todo o saber estava formado pela geografia e história, onde a primeira era a descrição em termos de espaço e a

segunda a descrição em termos de tempo. Kant acrescenta que a geografia está na base da história porque os acontecimentos devem fazer referência a algo. A história é um processo incessante, mas as coisas também mudam e, às vezes, dão como resultado uma geografia totalmente distinta. A geografia é, pois o substrato. (UNWIN, 1995, p. 107-108, tradução nossa).

De acordo com as reflexões de Lencioni (2003), é Kant que vamos encontrar a raiz da ideia de que o fundamento da Geografia é o espaço. Para ele, todo conhecimento poderia ser classificado em termos de sua similaridade ou, quando divergentes e originalmente distintos, em termos da sua ocorrência em um mesmo lugar. Kant denominou a primeira classificação de lógica, a segunda, de física. Daí, a Geografia aparecer na sua formulação como Geografia Física, não tendo o sentido atribuído atualmente à Geografia Física, que tem como primeira referência os processos naturais. Em sua obra, *Physische Geographie*, relaciona a Geografia ao espaço e a História ao tempo, considerando a primeira, a base da segunda.

Segundo Unwin (1995), quando Kant publicou *Physische Geographie* já havia revisado suas ideias sobre a relação entre a Geografia Física e outros tipos de Geografia, afirmando que Geografia Física era um esboço geral da natureza, constituindo não apenas a base da História como também de quaisquer outras geografias. Estas últimas se dividiam em cinco categorias:

- 1) *Geografia Matemática* que trata da forma, tamanho, movimentos da Terra, e de sua posição no sistema solar;
- 2) *Geografia Moral* que trata dos diferentes costumes e características dos povos das diferentes regiões;
- 3) *Geografia Política* que estuda a relação entre as unidades políticas e a sua base física;
- 4) *Geografia Comercial* que examina a razão pelas quais determinados países possuem excesso de uma mercadoria, enquanto outros têm deficiência da mesma, condição esta que provoca o comércio internacional; e,
- 5) *Geografia Teológica* que estuda as alterações sofridas pelos princípios teológicos segundo os diferentes meios. (UNWIN, 1995, p. 108, tradução nossa).

Para Santos (2002), Kant ocupa lugar de destaque na história do pensamento geográfico, pois foi um dos responsáveis pela transformação da Geografia em disciplina acadêmica. Ao fazê-la, procurou identificar e sistematizar um corpo teórico-metodológico que deu a disciplina um estatuto epistemológico específico.

O século XVIII legou-nos uma leitura do mundo e Kant a sintetiza magistralmente, em uma única proposição: o mundo como cenário. A Geografia como descrição do cenário e, nesse sentido, ela é física, nesse sentido absorve completamente o que está pressuposto na *Estética Transcendental*: a noção de espaço é aquela que nos permite dar ordem à externalidade, identificando cada coisa em seu lugar. (SANTOS, 2002, p. 209).

Esse pensador assume particular importância na medida em que levanta questões sobre a natureza do conhecimento geográfico. “[...] O espaço geográfico, a

relação entre o homem e a natureza, a relação entre o geral e o particular; temas tão caros à Geografia, já aparecem sistematizados no pensamento kantiano” (LENCIONI, 2003, p. 80).

Kant ajudou indubitavelmente a Geografia Alemã, no fim do século XVIII e início do século XIX, a estruturar de maneira coerente o campo aberto pelas múltiplas curiosidades da época do iluminismo. A sua influência em Humboldt e Ritter, e mais tarde em Richthofen e Hettner, é clara. Consequentemente, a sua autoridade foi invocada por vezes para justificar um ou outro ponto de vista nas querelas que dividiam a disciplina.

O período que se estende do início do século XIX ao começo do XX representa um dos momentos mais ricos e contraditórios do pensamento e da história humana, com grandes avanços no campo científico e filosófico. Para Moreira (2008), é durante este período que o mundo conhece a riqueza de teorias da chamada Geografia Clássica, representada principalmente pelas figuras de Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), os quais aparecem cronologicamente na sequência de Kant, responsáveis pela fundamentação e sistematização da ciência geográfica.

Entretanto, entre os anos de 1880 e 1930, houve o desenvolvimento de uma corrente de pensamento que se tornou a forma de filosofia dominante na Alemanha, a qual buscou elaborar um retorno a Kant, sendo denominada de neokantismo. “O neokantismo significou a afirmação da filosofia como reflexão crítica dos valores universais, posição em confronto aberto com o positivismo do século XIX, que havia menosprezado a filosofia, considerando-a um saber inútil” (LENCIONI, 2003, p. 121).

Entre os filósofos neokantistas deve-se destacar Wilhelm Windelband, o qual foi responsável pela elaboração de uma distinção entre as ciências. Distinguiu as ciências da natureza (buscam estabelecer leis gerais, e que foram denominadas ciências nomotéticas) das ciências da cultura, denominadas idiográficas (voltadas para a pesquisa de fatos particulares). Porém, observou que um determinado fato pode ser objeto tanto de investigação nomotética como idiográfica.

[...] A distinção entre disciplina idiográfica (que descreve o que é único) e nomotética (que põe em evidência as regularidades) é uma das finalidades dos neokantistas do fim do século XIX, mas não está presente em Kant. Para ele, a Geografia deve explicar a especificidade de cada parte da Terra e a recorrência de certos temas. (CLAVAL, 2006, p. 55).

Segundo Lencioni (2003), as observações de Windelband se tornaram a problemática central na Geografia. Inspirado no questionamento de a ciência geográfica ser nomotética ou idiográfica, o geógrafo e filósofo alemão, Alfred Hettner (1859-1941), influenciado pelo neokantismo, procurou recuperar criticamente os estudos sistemáticos de Ratzel, Humboldt, Ritter, Marthe e Richthofen.

Alfred Hettner foi discípulo de Kirchhoff (entre 1877-78) e, em seguida, de Fischer em Bonn, e de Gerland em Estrasburgo. Depois de uma formação acadêmica em Geografia Física e Filosofia, realizou investigações na Colômbia, Peru e Chile, e ao retornar tornou-se professor em Leipzig (1887-1897) e pode

conhecer o pensamento de Windelband, com o qual iria coincidir na Universidade de Heidelberg. Hettner não abandonou seus primeiros interesses por temas de geografia física, mas desde os anos finais do século orientou-se crescentemente para a geografia regional, publicando diversas obras deste tipo, algumas de grande ambição. Ao mesmo tempo, desenvolveu uma preocupação pelos temas teóricos que afetavam a Geografia, o que é patente desde o momento em que fundou em Leipzig a *Geographische Zeitschrift* (Revista Geográfica, 1895). Em 1927, reuniu seus principais textos e os publicou no livro *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden* (A Geografia, sua História, seu Caráter e seus Métodos). (CAPEL, 1983, p. 319-320, tradução nossa).

Segundo Valkenburg (1960), através de seus artigos publicados na Revista Geográfica, Hettner exerceu grande influência sobre a Geografia da época. Seus textos que ele denominava de divagações metodológicas (*methodologische streifzüge*) e discussões sobre clima e relevo ainda foram pontos altos nos conhecimentos geográficos e respectiva apresentação.

Preocupado com a ameaça de dualidade na Geografia, claramente revelada pela questão posta por Windelband, Hettner argumentou que a Geografia não era uma ciência nomotética ou idiográfica. Era tanto uma como outra. Dizia que quando a Geografia se volta para o estudo das relações entre os fenômenos de um determinado território é uma Geografia idiográfica; porém, quando esses fenômenos podem ser classificados em categorias, possibilitando a dedução de leis gerais, ela é nomotética. Dessa forma, ao estudar simultaneamente, em um mesmo espaço, fenômenos físicos e humanos, a Geografia é ao mesmo tempo uma ciência física e humana.

Assim como Dilthey pensava que não havia que fundar as ciências humanas, porque estas já existiam desde a antiguidade, que era preciso somente reconhecer seus métodos específicos, Hettner considerava que na Geografia não havia que se estabelecer nenhum princípio metodológico novo, senão simplesmente reconhecer o que historicamente estava presente no desenvolvimento da matéria. Para Hettner, o estudo da história da Geografia mostrava a existência de dois conceitos desta ciência: o de *Erdkunde*, equivalente a Geografia Geral, e o de *Landerkunde*, expressando o enfoque Regional ou Corológico. Se durante muito tempo havia sido possível aceitar a Geografia como ciência geral da Terra, isto já não era mais possível a partir do século XIX, devido ao surgimento de novas disciplinas como a Geologia, a Geofísica, a Meteorologia, entre outras. Por isso, todo o esforço de Hettner se concentrou em demonstrar que a verdadeira essência da Geografia é o enfoque corológico, ou seja, aquele que permite descrever e interpretar os caracteres diferentes da superfície terrestre, e a justificar a validade epistemológica deste enfoque — assim como do cronológico e histórico — como distinto do sistemático. (CAPEL, 1983, p. 320, tradução nossa).

De acordo com Unwin (1995), como editor fundador da Revista Geográfica e através de muitas de suas publicações, Hettner chegou a dominar a Geografia Alemã durante as primeiras três décadas do século XX. Além de fortemente encorajar o desenvolvimento dos estudos regionais na Alemanha, Hettner também apoiou os trabalhos sistemáticos, considerando a Geografia como uma combinação de ambos. Segundo Hartshorne (1939, p. 94):

Hettner introduziu uma terminologia pouco corrente para sublinhar que não existia nenhuma separação estrita entre eles. No estudo regional de uma vasta área é necessário estudar sistematicamente as variações claras nas características

geográficas individuais. Por outra parte, o estudo sistemático de uma categoria concreta de propriedades geográficas não se elabora exclusivamente como referência a dita categoria, mas em termos das relações corológicas com uma ou várias características diferentes.

Hettner, ao reler Kant, retoma as suas ideias e define a Geografia como a ciência que estuda o espaço. Para ele, “a Geografia tem uma característica corológica, tal como a história tem uma característica temporal”. E, por ser corológica, “tem como objetivo conhecer o caráter dos países ou regiões, mediante a compreensão da coexistência dos diversos ramos da natureza nas suas diferentes formas” (HETTNER, 1927 *apud* FERREIRA e SIMÕES, 1992, p. 77).

Hettner considerava que por ser a diferenciação da superfície terrestre o que mais caracterizava os estudos geográficos, nas mais diversas concepções de Geografia, considerou ser o estudo dessa diferenciação o ponto central da Geografia. Enunciou: “A Geografia tem por objeto proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da Terra”. Portanto, para Hettner, o objeto da Geografia não é o estudo da relação entre homem e meio, mas da diferenciação da superfície terrestre. (LENCIONI, 2003, p. 122-123).

Hettner afirma o caráter corológico da Geografia, pois é este que permite analisar o caráter variável da superfície da Terra. Embora tenha afirmado ser a Geografia tanto uma ciência nomotética quanto idiográfica, dizia que a essência mesmo da Geografia se encontrava na sua vertente corológica, ou seja, no estudo regional.

Se a Geografia é a ciência corológica da superfície terrestre, por conseguinte ela tem a ver com todos os objetos possíveis tanto da natureza inorgânica quanto da orgânica, quanto da vida humana; todavia, não [os objetos] em si, mas sim apenas na medida em que eles são elementos essenciais dos lugares singulares da Terra (*einzelnen erdstellen*). Seu objeto não são as coisas ou processos singulares enquanto tais; ela também não questiona por sua distribuição geográfica, o que é, ao contrário, o modo de investigação das disciplinas parcelares das respectivas ciências, mas sim investiga os diferentes espaços terrestres (*erdräume*) e os lugares da Terra (*erdstellen*) segundo o modo de formação dos três reinos da natureza inorgânica e sua dotação de plantas, animais, homens e obras humanas. Os fatos geográficos são as relações do espaço do mesmo modo como os fatos históricos são as relações do tempo. Todavia, na medida em que eles não são nada mais do que relações do espaço, eles são puramente formais; eles recebem significação autônoma apenas através de sua realização material (*dinglichen erfüllung*), como a posição (*sitz*) de matérias e forças ou o lar e o âmbito de ação dos seres vivos, tanto das plantas e animais, quanto do homem. Por isso, denominou-se a Geografia de maneira mesmo adequada, senão agora de maneira elegante, a ciência dos espaços da superfície terrestre segundo sua realização material (*dinglichen erfüllung*). (HETTNER, 2012, p. 138-139).

Na concepção hettneriana, o estudo das diferenciações da superfície terrestre deveria conceber essa superfície como uma totalidade. Deveria, ainda, levar em consideração a totalidade dos aspectos da natureza e do homem em um determinado espaço da superfície terrestre, cujas características possuísem uma coerência fisionômica e funcional que permitissem configurar uma individualidade espacial. Enfim, uma região geográfica. A região como individualidade espacial, se constituiria, portanto, parte da totalidade; ou seja, uma parte da superfície terrestre.

Hettner chamou a atenção para o fato de que os recortes feitos na realidade são provenientes do exercício intelectual, não existindo em si mesmo. Os recortes são produtos de uma construção mental. Seu ponto de vista é que a realidade pode ser dividida segundo conjuntos homogêneos, definindo campos do conhecimento como a Geologia, a Botânica e a Física. Mas a realidade, também, pode ser dividida, levando-se em consideração um conjunto heterogêneo de fenômenos que possuam uma coerência interna própria, conformando uma individualidade referida no tempo e no espaço. A análise que leva em consideração a individualidade espacial referida no tempo no espaço é considerada análise regional. (LENCIONI, 2003, p. 123-124).

Tempo e espaço constituem uma unidade. Hettner refletindo sobre a questão da relação espaço e tempo e inspirado pelas colocações de Kant — que distingue claramente a Geografia da História, argumentando que à Geografia cabe o estudo das relações dos fatos que se dão conjuntamente no espaço, enquanto que à História, o estudo dos acontecimentos que se sucedem no tempo —, disse que, embora fosse fundamental procurar pela gênese dos fenômenos, a Geografia não deveria se confundir com a História.

Em Hettner, a interpretação do caráter variável da superfície terrestre se fundamenta no estudo das relações entre os fenômenos de natureza física e humana. Nesse estudo, observa que se deve procurar ver como as relações estabelecidas entre esses fenômenos se dão em diferentes lugares e como os fenômenos estão espacialmente inter-relacionados. Assim, as particularidades da superfície terrestre, que seriam oriundas da associação de determinados fenômenos, podem ser reveladas. (LENCIONI, 2003, p. 124).

Por conseguinte, pode-se inferir que Hettner desempenhou um papel fundamental no processo de transposição da filosofia neokantista para a Geografia. Isso porque, reviveu em seus trabalhos as definições de Kant sobre Geografia, e dentro desse sistema anexou os estudos sistemáticos de Humboldt, Peschel, Ratzel, e os estudos das regiões de acordo com as definições de Ritter, Marthe, Richthofen, transformando-os em um todo coerente. É em grande parte graças a Hettner que o dualismo que por tanto tempo constituiu obstáculo à Geografia, foi transposto com êxito.

Valkenburg (1960, p. 976) resume sucintamente as complexas conceituações de Hettner:

A Geografia, segundo Hettner, não é a ciência geral da Terra, mas a ciência corológica da superfície da Terra. Trata, principalmente, da relação mútua entre a natureza e o homem, é uma apreciação das relações espaciais (*raum*). O objetivo primordial é o estudo de áreas ou regiões; esse estudo deve conter descrições, bem como explicações, deduzidas analítica ou sinteticamente. A delimitação das regiões constitui um dos principais problemas da Geografia, enquanto a observação *in loco* é à base do estudo geográfico. Distingue entre a Geografia Geral (*Allgemeine Geographie*), que acompanha sistematicamente a distribuição dos vários fenômenos geográficos sobre a superfície da terra, e a Geografia Regional ou especial (*Länderkunde*), de onde se origina o conceito de regiões geográficas. A doutrina parece perfeitamente familiar ao moderno geógrafo, que ainda procura definir sua esfera de estudo; acentua um terceiro aspecto (além da descrição e da explicação) que é o planejamento, único elemento ausente.

Hettner foi com certeza um dos geógrafos de maior prestígio no pensamento geográfico da primeira metade do século XX, cuja influência do pensamento foi grande

tanto na Alemanha, quanto perante a Geografia produzida na França e Estados Unidos. Entretanto, foi Richard Hartshorne quem desenvolveu e melhor divulgou as concepções hettnerianas.

Nascido nos Estados Unidos, mas de origem alemã, Richard Hartshorne é um marco da Geografia americana por ter introduzido naquele país, de uma maneira nova e meticulosa, o debate teórico-metodológico na Geografia. Ele foi o grande responsável pela divulgação das ideias de Hettner na Inglaterra e nos Estados Unidos, tendo traduzido do alemão para o inglês várias passagens dos trabalhos de Hettner, que foram objeto de ampla discussão no seu livro de 1939, *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*. (LENCIONI, 2003, p. 123).

Nitidamente influenciado pelas concepções kantianas e hettnerianas, Hartshorne procurou desenvolver reflexões sobre a epistemologia, natureza e aspectos metodológicos da Geografia. Para Andrade (1987, p. 79), em dois livros, “A Natureza da Geografia” (1939) e “Propósitos e Natureza da Geografia” (1959), Hartshorne desenvolve as teses dos mestres alemães (Kant-Hettner) a quem seguiu e, especula sobre a análise das inter-relações entre os fenômenos, admitindo duas formas de estudá-los: ou partir do particular, da região, quando se fazia a Geografia a que chamou de Idiográfica, ou de forma generalizadora, aquilo que se considera como Geografia Geral, ao se fazer o que denominava Geografia Nomotética. Assim, Hartshorne sem romper com o pensamento mais ligado à Geografia Clássica, já representa um papel de transição no “horizonte geográfico”.

De acordo com as reflexões de Moraes (2003), um aspecto de relevante importância no pensamento hartshorniano consiste no fato de que este propõe novas formas de estudo à ciência geográfica, representadas pela Geografia Idiográfica e Geografia Nomotética, resgatando e ampliando as concepções neokantianas. A primeira representa uma análise singular (de um só lugar) e unitária (que tenta apreender vários elementos), o que leva a um reconhecimento bastante profundo de determinado local. Já a segunda, expressa uma análise que deve ser generalizadora, apesar de parcial. Neste tipo de estudo, o pesquisador deve parar na primeira integração e reproduzi-la em outros lugares, objetivando elaborar um “padrão de variação” dos fenômenos tratados, abrindo a possibilidade de um conhecimento genérico. Dessa forma, Hartshorne articulou a Geografia Geral e a Regional, diferenciando-as pelo nível de profundidade de suas colocações. Quanto maior a simplicidade de fenômenos e relações tratados, maior a possibilidade de generalização. Quanto mais profunda a análise efetuada, maior conhecimento da singularidade local. Esta proposta foi amplamente discutida na Geografia, pois abriu novas perspectivas ao estudo geográfico.

Hartshorne, inspirado pela classificação das ciências de Kant, sugere uma separação entre as ciências sistemáticas de um lado e de outro — a Geografia e a História. O campo sistemático das ciências naturais está mais próximo do modelo nomotético, enquanto as ciências sociais, pelo caráter único dos fenômenos que estudam (os mesmos fatos não se repetem na história; uma montanha, ou um rio nunca é igual a outro) se identificam muito mais ao modelo idiográfico. Todas as disciplinas, no entanto, segundo Hartshorne devem fazer apelo aos dois

procedimentos — nomotético e idiográfico — a ciência, aliás, costuma proceder do particular ao geral. Ele reconhece, pois a necessidade de estabelecer esquemas gerais em todos os campos científicos, inclusive na Geografia. Entretanto, uma grande parte dos fenômenos observados pela Geografia possui um caráter singular e uma localização única. Desta maneira, a despeito do fato de que a meta fundamental da Geografia deva ser o estabelecimento de uma classificação global de regiões, em sistemas genéricos e específicos (a primeira, fruto de uma classificação comparativa; a segunda, uma síntese singular de localizações), estas regiões possuem sempre aspectos que são irreduzíveis a qualquer generalização. (GOMES, 2006, p. 60).

Para Hartshorne (1978), a Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência da natureza e da sociedade. Afirma que a Geografia deve procurar compreender como os fenômenos se combinam em uma área da superfície terrestre. Seguindo o pensamento de Hettner, Hartshorne considera que não há um grupo de fenômenos particulares à Geografia, pois interessam a esta ciência todos os fenômenos que apresentam uma dimensão espacial.

Desse modo, a Geografia consiste em

[...] uma ciência que interpreta as realidades da diferenciação de áreas do mundo, tais como elas são encontradas, não somente em termos das diferenças de certos elementos de lugar para lugar, mas também em termos da combinação total dos fenômenos em cada lugar, diferente daquelas que se verificam em cada um dos outros lugares. (HARTSHORNE, 1939, p. 462, tradução nossa).

Segundo o autor (1978), a Geografia se constitui em uma disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da Terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem. Esta descrição científica deve incluir tanto o que se sabe, quanto o que pode ser inferido, quer dos fenômenos, quer das relações de processos e associações de fenômenos.

Na concepção de Hartshorne (1939), a Geografia

[...] procura adquirir um conhecimento completo da diferenciação por áreas do mundo e, portanto, discriminar os fenômenos que variam em diferentes partes do mundo somente em termos de sua significação geográfica — isto é, em sua relação com a diferenciação total de áreas — não necessariamente em termos da extensão física sobre a terra, mas como uma característica de uma de extensão mais ou menos definida. (HARTSHORNE, 1939, p. 463, tradução nossa).

De acordo com este ponto de vista, o principal objetivo do estudo geográfico é a síntese, uma integração de características relevantes, com vistas a fornecer uma descrição total de um lugar (uma região) que é identificável por sua combinação particular dessas características. Há, então, de acordo com Hartshorne (1939, p. 460), uma íntima analogia entre a Geografia e a História; a última fornece uma síntese das “seções temporais da realidade”, enquanto a primeira realiza uma tarefa similar para “as seções espaciais da superfície terrestre”.

A crosta da Terra, que constitui o objeto de estudo da Geografia, é um complexo de várias integrações de uma larga multiplicidade de fenômenos, inter-relacionados numa grande diversidade de maneiras. Do ponto de vista de outras ciências, ou da Filosofia, é útil classificar esses fenômenos, em diferentes maneiras. A Geografia, procurando analisar a complexidade dos fenômenos que se integram na realidade,

cuida de examinar as relações que existem entre os fenômenos, de quaisquer tipos, que se revelem significantes na integração total. Em muitos casos, tais relações poderão ser as que se observam entre fenômenos humanos e não humanos, ao passo que em outros elas se verificam entre fenômenos animados (humanos e não humanos) e inanimados, ou entre fenômenos visíveis e invisíveis, ou entre fenômenos materiais e imateriais. Mas nenhuma dessas dicotomias é logicamente mais significativa do que as outras para a Geografia. Em cada caso, a natureza particular dos fenômenos é que determina as relações. (HARTSHORNE, 1978, p. 68).

As explicações de Lencioni (2003) demonstram que para Hartshorne não há fenômenos particulares à Geografia, assim como também não há um objeto de estudo que lhe seja específico. Para ele, as ciências se definem, sobretudo, por seus métodos próprios de investigação, e menos segundo a determinação de objetos particulares de estudo.

Perseguindo as trilhas de Kant e Hettner, Hartshorne considera que para a compreensão do presente é necessária à perspectiva histórica, contudo observa que essa perspectiva não se confunde com a Geografia. Afirma que não cabe à Geografia investigar a gênese e desenvolvimento dos fenômenos. O olhar do geógrafo deve estar dirigido para a apreensão do caráter das áreas, não se confundindo com o olhar do historiador, interessado nos processos em si. Acima de tudo, diz que cabe ao geógrafo entender a diferenciação das áreas da superfície terrestre. (LENCIONI, 2003, p. 126).

Estas ideias são concebidas por Hartshorne em sua obra *Perspectives on the Nature of Geography* (Propósitos e Natureza da Geografia, publicado originalmente em 1959), onde acaba revendo algumas das afirmações tecidas em *The Nature of Geography* (A Natureza da Geografia, publicado originalmente em 1939), posicionando suas análises em direção ao conceito hettneriano de diferenciação de áreas em superação ao campo vidaliano da Geografia Regional. Na concepção de Hettner o conceito de região se amolda aos conceitos mais abstratos, porém mais basilares, de recorte e de área, todos entendidos como formas de manifestação do processo de diferenciação, ao contrário da identidade que informa o conceito de região.

Para Gomes (2003), o criticismo de Hartshorne, legado de Kant e Hettner, busca a generalização através do estabelecimento de conceitos claros e objetivos. O mais importante é, sem dúvida alguma, o de região. Este conceito está na base da concepção científica da diferenciação espacial e, a partir de sua definição, a Geografia pode desenvolver um método corológico/regional fundado na análise comparativa das estruturas espaciais.

Hartshorne (1939) demonstra que desde Kant, passando por Humboldt e Ritter, a Geografia teria se caracterizado por ser o estudo das diferenças regionais. Este é, pois, o traço distintivo que marca a natureza da Geografia e a ele deve-se ater. O método corológico/regional, ou seja, o ponto de vista da Geografia, de procurar na distribuição espacial dos fenômenos a caracterização de unidades regionais, é a particularidade que identifica e diferencia a Geografia das demais ciências. Há outros campos que estudam os mesmos fenômenos, mas só a Geografia tem esta preocupação primordial com a distribuição e a localização espacial e este ponto de vista é o elemento-chave

na definição de um campo epistemológico próprio à Geografia.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das temáticas enfocadas durante o texto torna-se possível inferir que sob a influência direta do pensamento de Immanuel Kant e Alfred Hettner, Richard Hartshorne desenvolveu seus estudos, os quais tiveram grande impacto sobre a Geografia produzida em âmbito internacional, durante grande parte do século XX. Além de realizar a difusão do neokantismo às correntes posteriores da história do pensamento geográfico.

Essa atitude em face dos trabalhos de nossos predecessores induz ao respeito pelo nosso campo de estudos, e dá origem a um saudável sentimento de modéstia, que não há de ser interpretado como o culto ao passado. Deve essa atitude, igualmente, permitir-nos reconhecer os erros lógicos da nossa herança em matéria de pensamento geográfico, e determinar em que setores sua estrutura conceitual precisa ser retificada ou revigorada. (HARTSHORNE, 1978, p. 10).

Hartshorne vem da tradição geográfica norte-americana, que recebe influência direta tanto da Escola Francesa quanto da Escola Alemã de Geografia. Em um país onde a Escola de Berkeley (Califórnia) e a Escola do Meio-Oeste (Chicago) influenciaram desde o começo essa tradição, este teórico foi capaz de trilhar caminhos próprios, aparecendo, por vezes, como figura solitária na busca da elucidação dos rumos da Geografia nos Estados Unidos.

Nitidamente influenciado pelas concepções kantianas e hettnerianas, o autor procurou desenvolver reflexões sobre a epistemologia, natureza e aspectos metodológicos da Geografia. Para Andrade (1987, p. 79), em dois livros, *A Natureza da Geografia* (1939) e *Propósitos e Natureza da Geografia* (1959), Hartshorne desenvolve as teses dos mestres alemães (Kant-Hettner) a quem seguiu e, especula sobre a análise das inter-relações entre os fenômenos, admitindo duas formas de estudá-los: ou partir do particular, da região, quando se fazia a Geografia a que chamou de Idiográfica, ou de forma generalizadora, aquilo que se considera como Geografia Geral, ao se fazer o que denominava Geografia Nomotética. Assim, Hartshorne sem romper com o pensamento mais ligado à Geografia Clássica, já representa um papel de transição no “horizonte geográfico”.

Por fim, deve-se considerar Hartshorne como símbolo de um trabalho coletivo, sendo que a sua produção acadêmica só pode ser compreendida levando em consideração o contexto cultural, técnico e científico vigente a partir do período entre guerras. O autor debruça-se sobre o conhecimento geográfico acumulado, representado principalmente pelos trabalhos de Kant e Hettner, para propor novos enfoques teórico-metodológicos no âmbito da Geografia. Assim, delineou-se uma das mais importantes conexões da história do pensamento geográfico, a ligação Kant-Hettner-Hartshorne, que proporcionou significativos avanços ao campo de estudo da Geografia.

REFERÊNCIAS

CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea**: uma introdução a la Geografía. 2. ed. Barcelona: Barcanova, 1983.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

_____. **Evolución de la Geografía Humana**. 2. ed. Barcelona: Oikos-Tau, 1981.

_____. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

ENTRIKIN, J. Nicholas; BRUNN, Stanley D. **Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography**. Washington: Association of American Geographers, 1989.

ETGES, Virginia Elisabeta. A Contribuição de Alfred Hettner à Geografia. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Luiza; Silva, Márcia da. **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMADAN, 2009.

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. Lisboa: Gradiva, 1992.

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, André Ferrer Pinto Martins. **História da Ciência – o que é?** Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; _____ (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Geografia e Modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GREGORY, Derek [et al.] (Org.). **The Dictionary of the Human Geography**. 5. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

_____. The Concept of Geography as a Science of Space, from Kant and Humboldt to Hettner. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 48, n. 2, 1958. p. 97-108.

_____. The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 29, n. 3 e 4, 1939. p.173-658.

HARVEY, Francis; WARDENGA, Ute. The Hettner-Hartshorne Connection: reconsidering the process reception and transformation of a geographic concept. **Finisterra**. Lisboa: Universidade de Lisboa, v. 35, n. 65, 1998. p. 131-140.

HETTNER, Alfred. A Essência e as Tarefas da Geografia. **GEOgraphia**. Niterói: UFF, n. 26, 2011. p. 136-149.

_____. A Geografia como Ciência Corológica da Superfície Terrestre. **GEOgraphia**. Niterói: UFF, n. 25, 2011. p. 136-152.

_____. La Naturaleza de Geografía y sus Métodos. In: MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos. 2. ed. Madrid: Alianza, 2002.

_____. Os Ramos da Geografia e sua Relação com as Ciências da Natureza. **GEOgraphia**. Niterói: UFF, n. 28, 2012. p. 138-160.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. Physische Geographie. In: UNWIN, T. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1995.

KRAGH, Helge. **Introdução à Historiografia da Ciência**. Porto: Porto Editora, 2003.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos. 2. ed. Madrid: Alianza, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.

SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2002.

TATHAM, George. A Geografia no Século XIX. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 157, 1960. p. 551-578.

UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Cátedra, 1995.

VALKENBURG, Samuel Van. Escola Germânica de Geografia. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, n. 159, 1960. p. 973-990.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

